

As profecias de Isaías e Joel (1) cumprem-se á letra — e os Espíritos derramados por toda a carne, por toda a linhagem dos homens, declaram a verdade da sobrevivência da alma e da existência de Deus.

Os erros religiosos, alguns dos quais oriundos de antigas alegorias mal interpretadas, têm por tal modo aluido as crenças e semeado o desconsolo, a dúvida e a negação, que fizeram necessário o cumprimento daquelas profecias e a vinda do Consolador ou Espírito da Verdade prometido por Jesús Cristo (2), para restabelecer todas as coisas.

Só o Espírito da verdade poderia salvar o mundo moral de um naufrágio, que parece inevitável.

III

Primeiros resultados. Inconvenientes da comunicação e meios de evitá-los.

Não passou muito tempo em ensaios, que não obtivéssemos provas eficientes da verdade da comunicação dos Espíritos.

Vários dos que são hoje membros do grupo lograram prontamente resultados mais ou menos importantes, porém os precisos para adquirirmos a necessária convicção.

Esses ensaios se espalharam, com o melhor desejo, por algumas famílias — e, atualmente, são muitos os médiuns psicógrafos, de um e outro sexo, que praticam com fruto a mediunidade, numa Capital onde nem de nome era isso conhecido (3).

Desde as primeiras experiências, tivemos ocasião

(1) Isaías, XXXII, 15. — Joel, II, 28.

(2) S. João, XIV, 16, 17, 26; XVI, 7 e 13.

(3) Dá-se o nome de médium á pessoa que serve de instrumento de comunicação dos Espíritos.

de observar que a comunicação não era isenta de contradições e perigos.

Vaticínios frustrados, promessas não realizadas, afirmações desmentidas, inexactidões, leviandades, tolices não faltaram, e talvez nos houvessem feito vacilar e desistir da empreza, se não tivéssemos visto, no fundo de tudo aquilo, a realidade de um fato digno de ser estudado, e, ao lado daquelas comunicações desanimadoras, outras, por todos os títulos respeitáveis.

Possuíamos o fato, e o nosso dever era estudá-lo e evitar quanto possível seus inconvenientes.

Não nos foi difícil compreender que a diversidade e os contrastes das comunicações eram naturais e lógicos, como reflexo da diversidade intelectual e moral dos Espíritos.

O Espírito, pelo simples fato da sua emancipação do corpo, não adquire o conhecimento de todas as coisas, nem fica limpo de todas as suas impurezas. Goza, é certo, de maior lucidez, porém conserva as inclinações, os sentimentos e, até certo ponto, os hábitos contraidos em sua vida corpórea. É um sêr progressivo, que não realiza as suas transformações bruscamente, e sim de um modo harmônico e por uma sucessão gradual.

Isto é aceitável e filosófico, mesmo que o Espiritismo não o tivesse feito evidente.

A diversidade que se observa entre os homens não é menor no mundo dos Espíritos — e, portanto, as manifestações individuais dos seres de além-túmulo variam ao infinito, como as manifestações individuais dos homens.

O Espírito manifesta-se douto, prudente, bondoso, verdadeiro, profundo, grave, discreto, virtuoso: ou ignorante, leviano, malévolo, falso, superficial, atoleimado, ridículo, maldizente, segundo o grau da sua cultura intelectual e moral.

O que interessa, pois, é não ligar importância a

comunicações que não produzem, moralmente falando, nenhum bem — e que não podem proceder senão de Espíritos superficiais ou malévolos.

A prática nos ensinou que, com prudência e boa vontade, se evitam facilmente esses escolhos, em que não poucos sossobram, por não darem á mediunnidade a importância devida.

A falta de conveniente respeito, as exageradas pretensões, a curiosidade, o amor próprio e o egoísmo, são causas de se recolherem frequentemente contradições, zombarias e disparates.

E, como tirada a causa, cessa o efeito, as comunicações frívolas e infrutíferas deixam de repetir-se, quando não forem provocadas pela falta da necessária preparação ou por outros motivos facilmente determináveis.

O próprio desdobramento das comunicações, mesmo das que convem evitar, instrue a quem sabe aproveitar-lhes o ensino; pois que, sendo a comunicação, em geral, fiel reflexo das boas ou más disposições do que a dá — de seu maior ou menor gráu de elevação, podem-se tirar dela estímulos ou considerações que sirvam de corretivo.

É preciso estudar, como aconselha o evangelista S. João, se são de Deus os Espíritos que se comunicam ou, o que vale o mesmo, se suas intenções têm o sêlo da moral evangélica — e, caso não seja assim, suspender as comunicações e dispormo-nos dignamente para obtê-las proveitosas.

Quando os Espíritos enganadores vêm que suas insinuações malévolas são conhecidas e repetidas vezes desprezadas, retiram-se e deixam o campo a Espíritos superiores, aos quais atrai o bom desejo dos que buscam, nos ensinamentos espirituais, a verdade e o bem.

IV

*Importância da comunicação espiritual. Decepções.
O que se deve procurar obter das comunicações.*

A comunicação espiritual é um ato de tanta gravidade e transcendência, que nenhum outro, na vida do homem, lhe pôde ser comparável.

Por seu intermédio, alcançamos a verdade psicológica e a felicidade, que se elevam sôbre tudo o mais que possa o homem aspirar.

É o telescópio que põe ao alcance da nossa vista o mundo a que seremos trasladados após a presente peregrinação — e que nos faz conhecer a sorte que nos espera como fruto de nossas obras.

Pela comunicação, a misericórdia do Altíssimo desce o véu que nos ocultava o porvir, nos envia um raio da sua divina luz, e nos alenta e fortalece.

Aquele que considera a comunicação como coisa leviana e sem valor, condena-se á perda dos alicerces de suas mais seguras esperanças.

Não lhe resultam dela nem consolos, nem convicções, nem conselhos úteis, nem acrescentamento de virtudes, nem qualquer coisa que possa contribuir para sua felicidade; pelo contrário, será ela em suas mãos o que é uma arma perigosa nas mãos de uma criança; será uma corrente de ofuscações e um manancial de decepções.

Qual o fim a que devemos propôr-nos pelas comunicações?

Este ponto é essencialíssimo — e recomendamô-lo, com o maior empenho, a quantos se dedicam ao estudo da filosofia espírita.

Talvez não tenha êle sido bastante meditado; ou, se o tem sido, não se tem feito na prática as convenientes aplicações.

Tem-se dado demasiada importância aos fenômenos